

Cognição, referenciação e leitura: reconstruindo a argumentação no gênero capa de revista

Valnecy Oliveira Corrêa SANTOS (UFMA)
valnecycorrea@hotmail.com

SANTOS, Valnecy Oliveira Corrêa. Cognição, referenciação e leitura: reconstruindo a argumentação no gênero capa de revista. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 26-44, jan./jun. 2017.

Resumo: O gênero capa de revista é o objeto de investigação deste trabalho, por meio do qual se observa como esse gênero adquire significação, contribui para a categorização da revista e impulsiona o leitor a adquiri-la. A análise demonstra que os referentes utilizados são objetos do discurso e concorrem para a construção do plano argumentativo do texto. O estudo favoreceu duas percepções: (i) o apelo visual é mais forte que o verbal quando o leitor decide adquirir um exemplar de uma revista; (ii) os referentes utilizados criam representações capazes de ativar a memória do leitor, um consumidor a ser seduzido.

Palavras-chave: Leitura. Sociocognição. Capa de revista.

Abstract: The genre magazine cover is the object of this research work, through which one observes how gender acquires significance, contribute to the categorization of the magazine and pushes the reader to acquire it. The analysis shows that the related objects used are speech and contribute to the construction of argumentative text plan. The study favored two perceptions: (i) the visual appeal is stronger than the verbal when the player decides to purchase a copy of a magazine; (ii) the related used create representations able to activate the reader's memory, a consumer to be seduced.

Keywords: Reading. Sociocognition. Magazine cover.

Introdução

A inter-relação dos conhecimentos produzidos nas diversas áreas e subáreas da linguística possibilitaram uma visão bem mais ampliada do processo de leitura e de compreensão de textos. Dentre esses estudos, está a compreensão de que o leitor e o texto são rodeados por contextos físicos e sociocognitivos dos quais emerge a significação. Assim, compreendo que o autor, o texto e o leitor não podem ser concebidos como sujeitos cartesianos, mas como sujeitos sociais, uma vez que, sozinhos, nem o texto nem o leitor podem construir sentidos.

Ao falar em contexto e, mais precisamente, em contexto sociocognitivo, aponto no pressuposto de que autor e leitor, para conferir significação ao texto, valem-se de vários tipos de conhecimentos, acionados pelas pistas deixadas em sua materialidade. Nesse jogo de construção de sentidos, o autor utiliza-se dos referentes para dizer, e o leitor, para compreender. Fundamentado nesse aporte teórico, este artigo traz uma abordagem bem sucinta sobre a leitura, envolvendo o texto, que sempre se materializa em um gênero textual, a construção do sentido e a referenciação. Nesta relação, apresento a referenciação como um fator importante para a construção de sentido, sem a qual o leitor fica impossibilitado de compreender os textos.

Ao abordar a referenciação, embasada na concepção sociocognitiva interacionista de leitura, ousou ampliar o conceito para além da palavra. Apresento a imagem como referente, elemento utilizado nas cadeias referenciais para referir, remeter, retomar e aludir. O desafio está posto. Ao leitor, fica o convite para a sociointeração, pois, do contrário, tudo que aqui está escrito não chegará ao estatuto de um texto.

**LEITURA, SOCIOCOGNIÇÃO, ESTUDO DO GÊNERO E REFERENCIAÇÃO:
ELOS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO**

A leitura começa com os olhos. “O mais agudo dos nossos sentidos é a visão”, escreveu Cícero, observando que quando vemos um texto lembramo-nos melhor dele do que quando apenas o ouvimos. Santo Agostinho louvou (e depois condenou) os olhos como o ponto de entrada do mundo, e Santo Tomás de Aquino chamou a visão de “o maior dos sentidos pelo qual adquirimos conhecimento”. Até aqui está óbvio para qualquer leitor: as letras são apreendidas pela visão. Mas por meio de qual alquimia essas letras se tornam palavras inteligíveis? O que acontece dentro de nós quando nos defrontamos com um texto? De que forma as coisas vistas, as “substâncias” que chegam através dos olhos ao nosso laboratório interno, as cores e formas dos objetos e das letras se tornam legíveis? O que é, na verdade, o ato que chamamos de ler? (MANGUEL, 2004, p. 18).

O trecho citado foi extraído do livro *Uma história da leitura*, de Alberto Manguel, no qual o autor, de forma bem livre, descontraída e literária, posso assim dizer, narra sua história de leitor, incrementando-a com informações relevantes acerca das concepções filosóficas e das dúvidas existentes sobre o ato de ler. Trata-se de uma leitura bem interessante, que cativa ao mesmo tempo em que instrui o leitor, porém, neste momento, o trecho citado não visa a discorrer sobre a obra e seu autor, mas encadear uma discussão sobre leitura, tomando como referência os questionamentos nele apresentados: Mas por meio de qual alquimia essas letras se tornam palavras inteligíveis? O que acontece dentro de nós quando nos defrontamos com um texto? De que forma as coisas vistas, as “substâncias” que chegam através dos olhos ao nosso laboratório interno, as cores e formas dos objetos e das letras se tornam legíveis? O que é, na verdade, o ato que chamamos de ler? Para tanto, busco as respostas na linguística cognitiva. Convém, assim, conhecer mais detalhadamente este campo de estudo.

O cognitivismo surgiu a partir dos estudos desenvolvidos por Jean Piaget (2010), epistemólogo e psicólogo suíço. A partir de sua obra, foram desencadeados muitos estudos que se relacionam, principalmente, à área de educação. Para Piaget, o conhecimento é fruto da experiência com o meio. O ser humano passa, assim, por quatro estágios: o sensório-motor (zero a dezoito meses), pré-operatório (dois a sete anos), operatório concreto (sete aos doze anos) e operatório formal (após os doze anos). Para esse estudioso, em cada fase da vida humana, o processo cognitivo é ampliado. A linguagem, embora não tenha sido o foco dos estudos piagetianos, é considerada uma porta para a cognição.

A teoria gerativa de Noam Chomsky (apud KENEDY, 2013) é, no

âmbito da linguística, a pioneira em divulgar os estudos cognitivos. Ao conceber a linguagem como o espelho da mente, Chomsky buscou, nos estudos desenvolvidos pelo cognitivismo, fundamentos para sua teoria, realizando, assim, uma análise formal da língua. Com base numa concepção racionalista, defendeu que o ser humano é capaz de utilizar a linguagem de forma inteligente e criativa, organizando novas formas de dizer a cada momento. Para explicar sua defesa, Chomsky argumentou que a competência linguística é uma faculdade inata do ser humano e, com base nisso, formulou os conceitos de competência e desempenho. A primeira refere-se aos conhecimentos linguísticos imanentes a todo falante nativo de uma dada língua e o segundo, ao uso linguístico, capacidade inata que o ser humano possui de organizar enunciados novos a cada situação de fala. A teoria gerativa trata, todavia, a cognição numa perspectiva cartesiana, ou seja, para o seu autor, a mente humana é composta por módulos distintos. Cada um deles é responsável por comportar um tipo de conhecimento, não havendo entre eles relação.

Nessa mesma linha de raciocínio, os estudos da cognição, ao definirem como objetos de estudo a mente e o conhecimento, trouxeram consigo a concepção de que o texto resulta de operações mentais. “Para o cognitivismo interessa explicar como os conhecimentos que o indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para resolver problemas postos pelo ambiente” (KOCH, 2009, p. 29).

Os modelos de leitura propostos por Gough (1976 apud KLEIMAN, 2011) e por Goodman (1976 apud KLEIMAN, 2011) seguem a linha desse cognitivismo clássico. O primeiro defende que o leitor percorre o texto de forma linear, iniciando o processo pelas menores unidades (grafema, sílaba, morfema, palavra, frase etc.). Já para Goodman, a leitura é “uma atividade de interação entre o pensamento e a linguagem” (GOODMAN apud KLEIMAN, 2011, p. 29). Este estudioso defende que o leitor realiza o processo inverso ao proposto por Gough, isto é, parte das estruturas maiores, não se prende ao processo linear e utiliza-se de deduções durante a leitura. No primeiro, tem-se o modelo de processamento ascendente (bottom-up) e, no segundo, processamento descendente (top-down).

Da união desses modelos, nasce um terceiro: o modelo interativo. Nele, defende-se que, durante a leitura, os conhecimentos do leitor interagem entre si, para chegar à construção do sentido. É importante considerar que a interação desses conhecimentos, segundo a perspectiva cognitiva, ocorre na mente do leitor; ler é, portanto, uma ação individual;

um ato estratégico de processamento da informação que não estabelece relação com os fatores externos ao texto. Cada uma das palavras que compõem o texto representa entidades do mundo físico, havendo uma relação direta entre linguagem e mundo.

Os questionamentos formulados por Manguel (2004) no trecho que inicia esta seção poderiam, considerando o paradigma cognitivista, ser respondidos da seguinte forma: o ser humano aprende a ler pela experiência; no convívio com a linguagem verbal escrita, ele se apropria do código e dos mecanismos de junção que propiciam a leitura das unidades. Ler é o resultado de um trabalho de processamento. Do olhar, as palavras chegam à mente, onde são processadas através da memória. Ler é, nessa perspectiva, refazer o percurso de construção trilhado pelo autor do texto, desvendando o sentido por ele proposto.

Ao questionar as ideias defendidas pelo cognitivismo, os estudos sociocognitivistas procuram compreender como a cognição se constitui na interação. Não abdicam completamente dos postulados cognitivos, mas questionam a separação entre os fenômenos mentais e sociais, defendendo que a cognição é um fenômeno situado (KOCH, 2009). Isso significa excluir o conhecimento de dicionário – significado pronto, armazenado na mente – e assumir o conhecimento enciclopédico – significado construído com base no contexto de uso, na situação sociointerativa.

Sob esse olhar, compreender o texto requer concebê-lo como ação conjunta, uma vez que, ao produzi-lo, o autor pressupõe um interlocutor, bem como os conhecimentos e experiências que este possui para participar do evento comunicativo. Quanto a isso, é importante ressaltar que nem o leitor/ouvinte pressuposto nem os seus conhecimentos estão isolados, mas sim inseridos em contextos sociais, em situações concretas de interação com outros sujeitos, também detentores de saberes. Koch e Lima (2004, p.282), citando Clark (1992), explicam que

os conhecimentos partilhados têm três origens principais: (i) a comunidade da qual os interactantes fazem parte; (ii) os conhecimentos que se supõem partilhados, por serem tidos como conhecimentos comuns a certa comunidade; (iii) os laços em comum construídos pelos membros da comunidade e as experiências compartilhadas.

Nesses conhecimentos, estão inseridos o conhecimento linguístico, o enciclopédico ou de mundo e os conhecimentos textuais.

O primeiro é o que se refere ao conhecimento sobre a língua em seus aspectos semântico, sintático, morfológico, fonológico e ortográfico. É o conhecimento que permite a formação de enunciados coerentes e coesos, construídos a partir da fala infantil até a escrita de textos. É, em suma, a competência proposta por Chomsky (apud KENEDY, 2013). Os conhecimentos enciclopédicos englobam os conceitos e representações sobre o mundo social em que o sujeito está inserido. Os conhecimentos textuais, também adquiridos pela experiência, abarcam as noções sobre gêneros e textualidade.

Todos esses conhecimentos são adquiridos nas experiências sociais de interação. O que permite a sujeito iniciar uma conversa telefônica com um alô ou recontar uma notícia, por exemplo, é o conhecimento adquirido sobre o gênero. A junção das letras e fonemas para a emissão da palavra faz parte dos conhecimentos linguísticos. O sentido a ela conferido faz parte dos conhecimentos enciclopédicos; e a entonação fática dada no momento da conversa faz parte dos conhecimentos textuais. Os conhecimentos são, assim, a base necessária para a interação entre texto e leitor e são ativados no momento da situação interativa, através do processamento da informação (ascendente (bottom-up) e descendente (top-down)) e da formação de esquemas mentais.

Ao processar uma informação, o cérebro recebe um input e, a partir deste, forma esquemas, estruturas cognitivas construídas para conferir sentido à informação recebida. Nesse processo, tomando como referência a teoria dos espaços mentais de Fauconnier (apud FERRARI, 2014), há dois espaços envolvidos: (i) o espaço da realidade – ponto de partida que envolve os conhecimentos prévios do leitor/ouvinte e possibilita que ele relacione o input recebido aos dados da realidade; (ii) o espaço da representação – no qual o leitor/ouvinte (re)constrói o sentido, situando-o na situação interativa. Assim, surge a compreensão construída nesta interação.

Para compreender, por exemplo, a célebre frase do filósofo Heidegger (1991) – “A linguagem é casa do ser” –, tomando como referência a palavra “casa”, o leitor/ouvinte constrói um esquema tendo como base o espaço da realidade: casa é moradia, habitação, uma matéria concreta, edificação etc. O esquema é ampliado ao considerar que a palavra está inserida em um enunciado, estabelece uma relação semântica com as outras palavras do enunciado e que este foi dito por Heidegger – um filósofo – em uma dada situação social. O espaço da representação é acionado, a palavra “casa” perde a essência material

de edificação, o sentido de “moradia” é ampliado, possibilitando a compreensão de que a faculdade de linguagem reside no homem, mas que o homem só adquire essa conotação por possuir a capacidade de linguagem e, através dela, relacionar-se com seus pares. Assim, quanto maior o espaço da realidade, maior a capacidade de representação.

Nessa perspectiva, o conjunto de conhecimentos (linguísticos, enciclopédicos e textuais) deixa de ser concebido como uma propriedade exclusiva de um ser individual, cartesiano, pois a ação pela linguagem não é individual. Conforme defende Bakhtin (2014), em toda ação de linguagem se pressupõe a existência do outro. Além disso, autor, texto e leitor são partes integrantes de um contexto maior, o social, e este, também, precisa ser considerado. Na perspectiva sociocognitiva, o texto é assumido como produto da interação entre autor, texto e leitor.

A leitura é atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo” (KOCH & ELIAS, 2013, p. 11).

A compreensão e a interpretação não podem ser consideradas atividades que ocorrem apenas dentro da mente, mas na interação. O contexto também precisa ser percebido numa perspectiva mais ampla e deixa de ser compreendido apenas como o conjunto de todos os fatores externos que acompanham o texto. Na perspectiva sociocognitiva, o contexto engloba todos os conhecimentos e experiências partilhados pelos interlocutores. Segundo Koch e Elias (2013, p. 61),

para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos sociocognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes. [...] seus conhecimentos (enciclopédico, sociointeracional, procedural, textual etc.) devem ser, ao menos em parte, compartilhados [...]. Ao entrar em uma interação, cada um dos parceiros traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, já é, por si mesmo, um contexto. A cada momento da interação, esse contexto é alterado, ampliado, e os parceiros se veem obrigados a ajustar-se aos novos contextos que se vão originando sucessivamente.

Retomando os questionamentos formulados por Manguel (2004) no trecho que inicia esta seção e tendo como base a concepção sociocognitivista, as respostas poderiam ser, assim, formuladas: Mas por meio de qual alquimia essas letras se tornam palavras inteligíveis? O ser humano aprende a ler pela experiência, através da qual adquire

um conjunto de conhecimentos, dentre eles está o linguístico; os conhecimentos são partilhados no momento da leitura; O que acontece dentro de nós quando nos defrontamos com um texto? Ao processar o texto, recebemos um input, por meio do qual nossos conhecimentos são ativados. De que forma as coisas vistas, as “substâncias” que chegam através dos olhos ao nosso laboratório interno, as cores e formas dos objetos e das letras se tornam legíveis? O que é, na verdade, o ato que chamamos de ler? Ler é resultado de uma ação conjunta entre os sujeitos integrantes de um dado contexto sociocognitivo.

O GÊNERO TEXTUAL CAPA DE REVISTA

Um dos conhecimentos que precisam ser partilhados pelos interlocutores, no momento da interação, seja face a face, seja na relação à distância via texto escrito, é o conhecimento superestrutural ou conhecimento sobre gêneros textuais. Para Koch & Elias (2013), esse conhecimento insere-se em um conhecimento maior, o ilocucional, aquele que nos “permite reconhecer os objetivos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional” (KOCH & ELIAS, 2013, p. 46).

Perceber os “objetivos pretendidos pelo produtor do texto” requer necessariamente o conhecimento sobre os gêneros, pois são eles que regulam a postura do leitor/ouvinte ao se deparar com um texto. Segundo Bakhtin (2003, p. 265), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. Nessa perspectiva, são os gêneros textuais que organizam, regulamentam e orientam os interlocutores no momento da interação, ao mesmo tempo em que se instituem como práticas sócio-históricas em suas atividades comunicativas cotidianas.

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Em suma, o enunciador, ao projetar um dizer, dispõe de um interlocutor, explícito ou pressuposto; de um assunto a ser posto em diálogo, a forma e o modo de organizar o seu dizer. Da relação entre esses três fatores – forma, conteúdo e estilo –, os gêneros são constituídos.

Ao analisar capas de revistas, considerando essa tríade proposta por Bakhtin (2003) para a caracterização de determinado gênero, pude observar que há, nesses textos, uma forma composicional muito recorrente: imagem central relacionada ao conteúdo de destaque na revista, nome da revista, número da edição, data da publicação, chamadas de alguns conteúdos veiculados e logomarca da empresa responsável pela publicação.

Trata-se, portanto, de um gênero inserido em um gênero maior – a revista. Pode ser considerado um hipertexto, pois sintetiza o conteúdo de vários outros textos, além de mobilizar o leitor para a compra. Numa perspectiva sociocognitiva, esse gênero passa pelo seguinte esquema de composição: (i) o autor, aqui representado por um grupo de profissionais, articula, pensa, esquematiza e elabora o texto, tendo como referência a imagem do pressuposto leitor; (ii) o leitor ativa seus conhecimentos para compreender/interpretar o texto. Ambos precisam compartilhar conhecimentos quando se encontram inseridos em um contexto sociocognitivo. A leitura pressupõe, assim, a existência de uma relação dialógica entre autor, texto e leitor.

A LEITURA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Na concepção sociocognitiva de leitura e na concepção de gênero textual proposta por Bakhtin (2003), a relação entre texto e sujeitos do discurso é dialógica e interacional. É nesse encontro que o texto significa. Partindo desta tríade – autor, texto e leitor –, a análise do gênero capa de revista focalizará o leitor, no que tange à construção de sentido(s), ou melhor, nos fatores que favorecem que o leitor reconstrua o(s) sentido(s) do texto e seja capaz de uma “atitude responsiva” – ação que concretiza a interação segundo a perspectiva bakhtiniana.

Nesse processo, conforme já citado, os conhecimentos partilhados entre os interlocutores bem como o contexto histórico-social são partes fundamentais. Ao deparar-se com a materialidade do texto, o leitor precisa de elementos significativos para que sua memória discursiva seja ativada, ou seja, ele precisa de referentes para que ocorra a ativação de conhecimentos, a formação de esquemas cognitivos e a produção de inferências. “O texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural” (CAVALCANTE, 2011, p. 17). O referente é um “objeto, uma entidade, uma representação

construída a partir do texto” (CAVALCANTE, 2013, p. 98).

Na perspectiva sociointerativa, o referente não pressupõe uma existência extralinguística fora da atividade cognitiva e interativa: o referente é construído no interior do e através do próprio discurso, recortado pela dimensão perceptivo-cognitiva e subjetiva que criamos no universo textual (RONCARATI, 2010, p. 44).

A palavra “casa” presente na frase de Heidegger (1991), já utilizada como exemplo neste texto, é um referente que, se tomado isoladamente como objeto do mundo, faz uma referência virtual, hipotética, que não alcançará a significação pretendida no enunciado. Mas, se tomada como objeto de discurso e em seu contexto de uso, adquire significação precisa, porque tem seu sentido situado na interação. Seguindo este raciocínio, entendendo a referenciação como um componente imprescindível à leitura, o caminho para chegar ao sentido/significação, uma vez que é a partir dela, da relação entre as expressões referenciais, que os esquemas sociocognitivos são ativados.

Em função da amplitude desse tema, esta análise se concentrará, a partir deste ponto, em observar como os referentes apresentam-se e concorrem para a construção do sentido no gênero capa de revista, segundo a perspectiva do leitor. É importante, porém, antes de apresentar os textos selecionados para análise, enfatizar que não há aqui nenhuma pretensão em dialogar sobre o conteúdo das revistas, no que tange ao seu aspecto político-social. Assim, tendo como foco os estudos da linguagem, atentando para o funcionamento da língua, os textos escolhidos para análise foram capas das revistas *Época*, *Isto É* e *Veja* publicadas no mesmo período – agosto e setembro de 2014 – que abordaram a mesma temática.

Com o intuito de tentar construir uma linha de raciocínio sobre a referência, considerando o pouco espaço que possui este artigo, inicio a análise com um conceito de referir que, segundo Kock (2009, p. 59), “é uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo”. Vejamos como esse conceito materializa-se no exemplo 1 que segue:

As investigações da Polícia Federal que desvendam o “modus operandi” do propinoduto denunciado pelo ex-diretor da **estatal** Paulo Roberto Costa.



Edição 2338 – 17.09.2014

Conforme é próprio do gênero, essa capa da Revista Isto É possui uma parte verbal e uma não verbal. No plano verbal, por exemplo, o termo “Petrobras”, palavra escrita em caixa alta e em cor branca, é retomado pela expressão referencial “da estatal”. Nesse sentido, a referenciação atua como processo de coesão textual, concorrendo para a progressão temática e para a construção do sentido do texto. É importante considerar que essa expressão referencial extrapola a percepção linguística, dado que, por si mesma, aciona, no ato do processamento, a memória discursiva do leitor para o que o termo representa – estatal é uma empresa que pertence ao Estado. A escolha lexical para a formação do referente assume aqui um efeito de sentido para além da materialidade coesiva do texto, indo em direção à construção dos argumentos.

Ampliando o conceito de referente, observo a imagem – uma gota/pingo de um líquido preto e pastoso – o petróleo – caindo lentamente, que traz à memória do leitor a relação de associação entre o termo “Petrobras”, enquanto empresa, e o produto por ela comercializado, o petróleo. Essa associação favorece a compreensão, porque traz um elemento a mais para o esquema cognitivo do leitor. Assim, considerando esta relação numa perspectiva sociocognitiva, deduzo ser a imagem também uma forma de referenciar. Neste caso, por remissão – “atividade que envolve algum tipo de relação semântica, cognitiva, pragmática ou qualquer outra no co(n)texto, mas não estabelece, necessariamente, retomada, cossignificação e correferenciação” (RONCARATI, 2010, p. 54).

É interessante observar ainda a cor vermelha colocada como plano de fundo na capa da revista. Além do contraste de cores, traz, à

memória do leitor, a cor do partido da Presidente da República Dilma Rousseff e explicita outro fenômeno de referenciação conhecido por alusão:

atividade que envolve algum tipo de associação ou extensão referencial, de modo vago e indireto; não apresenta antecedente contextual e subentende remissão a um elemento do conhecimento socialmente compartilhado, ativando um objeto de discurso com sentidos implícitos, vagamente sugeridos (RONCARATI, 2010, p. 55).

A capa da Revista Época (exemplo 2) traz a mesma temática e utiliza referentes similares.

Um depoimento exclusivo revela o elo entre os dois esquemas



Edição 850 – 09.2014

O termo “Petrobras” também é referenciado pela imagem. Novamente, a ideia de escape presente no exemplo 1, por meio do pingo/gota, é explicitada, nesse texto, pelo pequeno vazamento no barril. A alusão nessa capa é percebida pelo formato do mapa que é construído a partir do vazamento do óleo. É o Brasil. Essa afirmação se comprova tanto pelo contorno do mapa, quanto pelo símbolo BR, colocado na frente do barril. Num plano linguístico, a expressão “dois esquemas” retoma os termos em destaque na revista, a Petrobras e o escândalo do mensalão, ambos considerados como os maiores esquemas de corrupção da história do País até então investigados. A argumentatividade é percebida nesta referência: a Petrobras não é um esquema per si, mas nela (na empresa) existe um esquema de corrupção. Ao fazer esta afirmação, tomo como base o conceito proposto por Koch (2009, p. 60): “retomar é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não”.

A terceira capa analisada foi a da Revista Veja, que segue no exemplo 3:

Uma gravação mostra que **os investigados** receberam perguntas dos senadores com antecedência e foram treinados para responder a elas. A farsa é tão escandalosa que pode exigir uma inédita CPI da CPI para ser desvendada.



Edição 2385 – 06. 08.2014

A matéria de capa é similar a das duas outras, todavia as imagens apresentadas fazem referência direta a pessoas, e não à Petrobras e ao petróleo. A revista cita o termo “Petrobras”, todavia o foco não é a empresa, mas o que está ocorrendo dentro dela – a CPI da Petrobras. Nesse caso, o termo “Petrobras” é utilizado para acionar a memória sociocognitiva do leitor, contribuindo para que a remissão às imagens ou, mais precisamente, às fotografias de Graça Foster e Nestor Cerveró, retomadas no texto pela expressão referencial “os investigados”, favoreça a unidade semântica do texto. É importante salientar que a expressão “os investigados” favorece a percepção de que os referentes são objetos do discurso, uma vez que traz ao leitor muito mais que uma relação sinonímica, traz uma informação significativa, com teor argumentativo, que reitera a ideia, apresentada na capa, de fraude/criminalidade. Contudo, o leitor só será capaz de perceber esse jogo de construção de sentido se possuir em seus conhecimentos a informação de que Graça Foster era, naquele momento, a presidente da Petrobras, e Nestor Cerveró era o diretor dessa empresa estatal, dados que dependem da formação sociocultural do leitor, e não apenas dos dados presentes no texto.

Nos três casos, a leitura só é possível quando o autor – que, no caso da revista, adquire caráter de autor coletivo – e o leitor compartilham de um mesmo esquema de conhecimentos e o ativam no momento da produção e da recepção/leitura do texto. A esse partilhar de conhecimentos, Koch, Elias (2013) denominam contexto sociocognitivo. Nos três exemplos, todos os elementos citados concorrem e orientam

para a construção da argumentação em defesa do ponto de vista defendido pelas revistas que, embora se declarem um enunciador neutro, deixam no texto rastros de discursos. “A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. [...] O ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental” (KOCH, 2004, p. 17).

O TEXTO E O LEITOR

Por ser o gênero capa de revista portador de duas funcionalidades básicas – apresentar sumariamente o conteúdo da revista e mobilizar no leitor o interesse para a compra – os três textos analisados tornaram-se objeto de pesquisa, por meio da qual busquei perceber como os elementos (verbais e não verbais) utilizados pelos seus produtores favoreceram a leitura e a compreensão do leitor e o mobilizaram para adquirir a revista.

Um questionário foi o suporte selecionado para tal ação. Os sujeitos participantes foram leitores cujo perfil enquadra-se no de leitor pressuposto pelas três revistas: leitores assíduos e/ou assinantes das revistas que costumam dialogar socialmente sobre os conteúdos por elas veiculados.

O primeiro questionamento feito aos entrevistados visou observar se a capa da revista pode ser considerada uma motivação para leitura. De acordo com os questionários, vinte e três, dos trinta entrevistados, declararam que sim, a capa da revista traz motivação para a leitura. Eles declararam ainda já ter adquirido revistas em bancas atraídos apenas pela capa. Tal informação possibilita perceber que a intenção do enunciador (autor coletivo, representado pela revista), ao projetar o texto, tendo como base as particularidades do leitor, gera o que Bakhtin (2003) denominou de “atitude responsiva”.

Um segundo ponto da pesquisa buscou observar se a imagem pode ser considerada um referente na cadeia referencial no gênero capa de revista, capaz de despertar a percepção do leitor em relação ao conteúdo abordado na matéria de capa. Para tanto, implementei pesquisa mantendo apenas as imagens e o nome da revista, acompanhados das perguntas: Com base nessas imagens e na informação de que elas foram utilizadas como imagens de capa das revistas Veja, IstoÉ e Época, é possível deduzir qual o assunto principal veiculado nessas revistas? O

que contribuiu para essa percepção?

Em relação à capa da revista IstoÉ, vinte e três, dos trinta entrevistados, conseguiram estabelecer relação entre a imagem – um pingô/gota de petróleo – e o assunto. Destes, cinco deduziram ser o assunto em pauta na revista um novo aumento de combustível; doze trouxeram à memória o escândalo do mensalão; e os demais apontaram o esquema na Petrobras. Sete dos entrevistados não conseguiram estabelecer nenhuma relação com o assunto, todavia é interessante mencionar que um deles apontou que o assunto da revista seria a poluição das águas, associação feita em função da imagem em forma de pingô/gota.

A análise dessas respostas comprova que o referente é um objeto do discurso, uma construção subjetiva. A imagem é única, mas é o contexto sociocultural do leitor e as inferências por ele realizadas que definem sua significação, conforme demonstram os três exemplos de esquemas mentais simulados com base nas respostas dadas pelos entrevistados:

1. Simulação de esquema mental feito pelos entrevistados que deduziram ser o aumento de combustível a matéria de capa da revista IstoÉ: a imagem denota um pingô (gota) de uma substância preta, líquida e pastosa → o pingô lembra petróleo → petróleo lembra combustível → no Brasil há constantes aumentos de combustíveis → as revistas de circulação nacional noticiam sobre o aumento de combustível, por ser este um assunto de interesse nacional → a matéria de capa é o aumento de combustível.

2. Simulação de esquema mental feito pelos entrevistados que deduziram ser o escândalo na Petrobras a matéria de capa da revista IstoÉ: a imagem denota um pingô (gota) de uma substância preta, líquida e pastosa → substância preta, líquida e pastosa lembra o petróleo → a imagem retrata um pingô de petróleo, principal produto comercializado para Petrobras, empresa estatal brasileira → recentemente a imprensa está noticiando um esquema de corrupção existente na Petrobras, isso gera crise na empresa → a revista IstoÉ é de circulação nacional → o assunto da revista é o esquema de corrupção na Petrobras.

3. Simulação de esquema mental feito pelo entrevistado que deduziu ser a poluição das águas a matéria de capa da revista Isto É: a imagem denota um pingô (gota) de uma substância preta, líquida e pastosa → a água é uma substância líquida → recentemente a imprensa

tem divulgado notícias e reportagens sobre escassez de água e poluição → a revista traz, assim, a água como assunto de capa → a cor e a pastosidade são estratégias da revista para alertar o leitor dos riscos da falta de água e da necessidade de preservação/combate à poluição.

Os três esquemas partem do mesmo referente (a imagem) e são possíveis, o que indica que há coerência nas três formas de respostas. Estas indicam que, se o leitor não conseguir construir um esquema mental tendo como aporte o espaço da realidade – a imagem denota um pinga (gota) de uma substância preta, líquida e pastosa –, não conseguirá construir o espaço da representação, sem o qual é impossível construir sentido situado, compreender o texto.

A observação da imagem de capa da revista *Época* possibilitou que vinte e sete, dos trinta entrevistados, relacionassem as imagens ao assunto. Ao fazer a segunda pergunta – O que contribuiu para essa percepção? –, dezoito entrevistados informaram ter sido o barril com o símbolo e o nome da Petrobras; e nove, o vazamento de óleo. Das três capas de revistas, esta foi a que possibilitou leitura mais rápida devido à referência explícita à empresa.

A capa da revista *Veja*, todavia, foi a que menos despertou a percepção dos entrevistados, provavelmente pelo não reconhecimento das pessoas retratadas – Graça Foster e Nestor Cerveró. Apenas cinco dos entrevistados conseguiram reconhecer as pessoas evidenciadas pela revista *Veja*, associando a imagem aos seus nomes. Nove declararam conhecer as pessoas retratadas, mas não lembraram seus nomes e tampouco estabeleceram relação entre eles e a CPI da Petrobras. Isso reforça a defesa de que, no gênero capa de revista, a leitura da imagem é um importante mecanismo para a compreensão do texto e exerce função decisiva para uma aproximação do leitor com o conteúdo, uma vez que o primeiro contato entre o leitor e a capa da revista ocorre pela percepção da imagem. Convém salientar, ainda, que o contexto sociocognitivo é imprescindível, pois favorece a ativação da memória discursiva do leitor.

O terceiro ponto da pesquisa visou observar se os leitores conseguiam perceber, no plano linguístico, a relação entre termos, estabelecida através dos referentes e das expressões referenciais. Nessa etapa, os entrevistados detiveram-se apenas na parte verbal dos textos. Após a análise das respostas:

1. No texto da revista IstoÉ – As investigações da Polícia Federal que desvendam o “modus operandi” do propinoduto denunciado pelo ex-diretor da estatal Paulo Roberto Costa –, todos os entrevistados perceberam que o termo “da estatal” refere-se à Petrobras;

2. Na revista Época – Um depoimento exclusivo revela o elo entre os dois esquemas –, 23 dos entrevistados relacionaram a expressão referencial “os dois esquemas” aos termos em destaque “a Petrobras” e “o Mensalão”;

3. Na revista Veja – Uma gravação mostra que os investigados receberam perguntas dos senadores com antecedência e foram treinados para responder a elas. A farsa é tão escandalosa que pode exigir uma inédita CPI da CPI para ser desvendada –, a solicitação foi que os entrevistados identificassem, no texto, a quem se referia o termo “os investigados”. Os participantes não conseguiram responder, porque não havia um referente explícito, por ser este a imagem que havia sido suprimida do texto.

A análise dos textos e dos questionários aplicados durante a pesquisa favoreceu a constatação de que o processo de leitura não é mera decodificação de um conteúdo. Trata-se de uma atividade centrada na busca de sua compreensão/interpretação, para o que se impõe a existência de uma articulação entre a informação veiculada pelo autor e a contribuição do leitor, que (re)constrói o(s) sentido(s) a partir de seus conhecimentos, suas experiências. O texto precisa ser depreendido em sua totalidade, pois, do contrário, surgirão lacunas que prejudicarão a sua compreensão. Os referentes assumem, nesse ponto, importante função: a de guiar, orientar a compreensão/interpretação da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar, neste texto, algumas considerações sobre leitura/compreensão, gênero, referenciação e sentido, busquei trilhar um caminho capaz de interligar teoricamente a concepção de leitura enquanto atividade sociocognitiva interacional à concepção de referente como elemento do discurso, (re)construído na interação. Isso implica a concepção de leitor ativo, participante, um coautor do texto.

A experiência de leitura do gênero capa de revista foi bastante favorável para ampliar a compreensão acerca das habilidades de leitura, bem como sobre a formação de esquemas e estratégias utilizadas tanto

pelo autor para construir o sentido, quanto pelo leitor para (re)significá-lo. Assim, concluí que a compreensão está condicionada ao contexto sociocognitivo e aos estímulos recebidos pelo leitor no momento da leitura.

Sobre a referenciação, ficou a percepção de que há inúmeras funções discursivas atreladas aos elos referenciais. Nesse aspecto, Koch e Elias (2013, p.149) apresentam um insumo perfeito: “as expressões referenciais são multifuncionais: indicam pontos de vista, assinalam direções argumentativas, sinalizam dificuldades de acesso ao referente, recategorizam os objetos presentes na memória discursiva” (KOCH, ELIAS, 2013, p. 149).

Quanto à argumentação, embora explorada em menor enfoque neste texto, compreendo a imanência dela em todo ato de linguagem. Quem fala/escreve sempre tem uma concepção de mundo e o representa visando convencer o outro acerca de sua verdade. No gênero capa de revista, palavras e imagem concorrem para isso e, embora não diga, argumenta e convence, impõe verdades, forma opiniões. Eis o poder da imprensa.

Nessa perspectiva, a maior de todas as percepções obtidas neste trabalho foi a de que ainda há um longo percurso de estudos a ser trilhado para que se alcance a dimensão e a complexidade desses temas. Diante do exposto, é importante ressaltar que há um vasto campo para investigação, os textos estão em todas as partes e o uso da imagem como referente é sempre muito constante, possibilitando a realização de novos estudos e pesquisas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

CAVALCANTE, Mônica M. Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRARI, Lilian. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2014.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. São Paulo: Moraes, 1991.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.)

Manual de linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KLEIMAN, Ângela. Leitura, ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça; LIMA, Maria Luiza Cunha. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MÜSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs) Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos. – São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore G. V. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2013.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 4. ed. São Paulo: LTC, 2010.

RONCARATI, Cláudia. As cadeias do texto: construindo sentidos. – São Paulo: 2010.

Recebido em: 17/07/2016.

Aprovado em: 11/10/2016